



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - *CAMPUS* SOBRAL**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**CURSO DE PSICOLOGIA**

**JOSEANE BATISTA DE OLIVEIRA**

**PRISMAS E BLACK MIRROR: QUEDA LIVRE OU TEMPO LIVRE**

**SOBRAL**  
**2018**

JOSEANE BATISTA DE OLIVEIRA

PRISMAS E BLACK MIRROR: QUEDA LIVRE OU TEMPO LIVRE

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Psicologia da  
Universidade Federal do Ceará, Campus  
Sobral para obtenção do título de  
bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Deborah  
Christina Antunes.

SOBRAL

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca Universitária  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

- O47 Oliveira, Joseane Batista de.  
PRISMAS E BLACK MIRROR : QUEDA LIVRE OU TEMPO LIVRE / Joseane Batista de Oliveira. –  
2018.  
24 f.
- Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Campus de Sobral,  
Curso de Ciências Econômicas, Sobral, 2018.  
Orientação: Profa. Dra. Deborah Christina Antunes.
- I. espetáculo. 2. alienação. 3. subjetivação. 4. aparatos tecnológicos. I. Título.

CDD 330

---

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Maria Batista e Antônio Manoel (*in memoriam*) pelo incentivo e exemplo de vida, pelos quais serei eternamente grata em todas as etapas da minha vida.

Aos meus irmãos, pelo o apoio constante em todos os meus projetos e sonhos.

Aos meus sobrinhos, Camila, Alberto, Lara, Lia e Lucas, pela a imensurável importância em me fazer ser um humano melhor.

Aos meus professores em todos os pilares acadêmicos que me incentivaram a buscar sempre o melhor, em especial, Antônia Sales professora do ensino médio e na graduação Áurea Júlia, Liana, Larissa e os demais.

À minha orientadora e professora, Deborah Antunes, pela paciência, pelo o exemplo de profissional e ser humano e pela parceria, a qual serei eternamente grata. Obrigada pela sua presença em minha vida.

À coordenadora do curso, Denise Nascimento, pelo carinho, atenção e cuidado. Nessa reta final, não teria ido muito longe sem esse suporte e incentivo.

À um grande amigo, Jefferson (*in memoriam*) que conheci logo no início da graduação, e que apesar de não poder compartilhar essa conquista, sinto-me grata pelo exemplo de ser humano e pela maneira que me fez enxergar a vida e perceber que fiz a escolha do curso certo.

Aos meus queridos amigos do grupo de extensão Prismas que me acompanham sempre, Kelly, Natacha, Vagner, André e os demais. Cada um, ao seu modo, ressignificaram minha graduação para além do esperado e me fazem acreditar em um mundo melhor.

Aos meus queridos amigos de turma e de vida, Márcia, Elielda, Karol, Andriny, Karlos Ruan, Ilana, Luiz Neto, Janaina, Paloma, Iasmyn, Cristina e os demais, que apesar de suas especificidades, se fazem/fizeram-se presente nessa etapa tão linda que é a graduação e a tornaram o percurso mais leve.

Aos demais amigos que tive o prazer de conhecer nessa longa jornada no Serviço de Psicologia Aplicada, Maiara Farias, Rejane Nascimento, Dimas, Zaíra, Sr. Nonato, Sr. Justino, Samuel, Bruna Clézia, meus sinceros agradecimentos pela acolhida.

À professora Rita Helena Sousa Ferreira Gomes e a Ms. Shamara Paiva Mendes que aceitaram gentilmente fazer parte da banca avaliadora desse trabalho.

À todos que cruzaram meu caminho ao longo do curso de Psicologia da UFC, *campus* Sobral, e me proporcionaram experiências riquíssimas, meu muito obrigada.

## RESUMO

O presente artigo traz uma reflexão sobre as novas formas de configurações relacionais estabelecida na nossa sociedade. O intuito aqui é refletir sobre as tais relações, que nos moldes gerais quase sempre são/estão mediadas por aparatos midiáticos frutos do desenvolvimento das novas tecnologias do mundo digital. Nesse contexto, é cabido analisar as formas nas quais as conjunturas sociais expõem-se em amplos moldes de espetacularização mercadológica. Ou seja, tudo fica visível ao passo que ninguém vê, mas é incumbido pelo enorme desejo de possuir, de fazer parte de algo que está entre o palpável e o que parece apenas saltar de uma tela advindo de um rótulo que a presente sociedade ficou conhecida. Tal rótulo segundo alguns autores que serão mencionados a seguir, a classificam como “A sociedade do consumo”. Assim, o objetivo deste artigo é fazer uma reflexão sobre as formas de subjetivação nos moldes de um certo padrão de espetacularização e alienação trazida pelos autores: Debord, Bauman, Sibilgia, Foucault, Adorno, Bruno, dentre outros. Designadamente, o foco de análise<sup>1</sup> além de refletir por meio das ideias desses autores aspectos concomitante no episódio “Queda Livre” da série britânica *Black Mirror* transmitida atualmente pela *Netflix*, é averiguar como são construídos os modos de fetichismo que convertem as relações em mercadoria presente na nossa sociedade atual e que foram problematizado ao longo de 2017 como conteúdo programático da extensão Prismas: Núcleo de estudos em Teoria Crítica, Indústria Cultural e Psicologia Social da Universidade Federal do Ceará, *Campus Sobral*.

**Palavras-chave:** espetáculo, aparatos tecnológicos, subjetivação, alienação.

## ABSTRACT

This article introduces a reflection about the new forms of relational configurations established in our society. The purpose here is to reflect on such relations that, in general, are almost always mediated by media apparatuses of the development of new technologies in the digital world. In this context, it is appropriated to analyze the ways in which the social conjunctures are exposed in ample models of marketing spectacularization. That is, everything is visible while nobody sees it, but it is charged with the huge desire to possess, to be part of something that is between the touchable

---

<sup>1</sup> Primeiro episódio da terceira temporada da série britânica *Black Mirror*.

and the things that what only seems to jump from a screen, coming from a label by which the present society was known. Such a label, according to some authors who will be mentioned below, classify it as "The consumer society". So, the objective of this article is to reflect on the forms of subjectivation in the mold of a certain pattern of spectacularization and alienation brought by the authors: Debord, Bauman, Sibilis, Foucault, Adorno, Bruno, among others. In particular, the focus of analysis<sup>1</sup>, besides to reflect through the ideas of these authors aspects concomitant in the episode "Nosedive" of the British serie Black Mirror currently transmitted by Netflix, is to investigate how are constructed the fetishism ways that convert the relations into merchandise present in our current society and that were problematized throughout the year of 2017 as programmatic content of the extension Prismas: Nucleus of Studies in Critical Theory, Cultural Industry and Social Psychology of the Federal University of Ceará, Campus of Sobral.

**Keywords:** spectacle; technological apparatus, subjectivation, alienation.

## PRÓLOGO

O presente artigo tem o intuito tecer experiências adquiridas enquanto bolsista de uma das extensões da Universidade Federal do Ceará, *campus* Sobral, o Prismas: Núcleo de Teoria Crítica, Indústria Cultural e Psicologia Social. Além disso, será abordado um dos episódios de uma série apresentada na extensão para discutir temas como os avanços tecnológicos e seus impactos na subjetividade dos sujeitos no mundo contemporâneo. O episódio “Queda livre” (*Nosedive*) foi escolhido como enfoque do

presente artigo tanto pela sua grande repercussão nos espaços e ocasiões em que o mesmo foi debatido na extensão, quanto por trabalhar temáticas pertinentes e relacionadas com a tecnologia digital hoje.

O Prismas surgiu em 2014, fruto de uma disciplina optativa e é coordenado pela professora Dra. Deborah Antunes. Desde então o grupo vem fazendo história. Ainda em novembro de 2016 foi um dos principais articuladores na organização de um evento de cunho internacional que aconteceu no Centro de Educação a Distância – CED, em Sobral – CE. Este evento foi o “*II Simpósio Internacional de Teoria Crítica e I Encontro Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar*”, cujo tema foi “*As vicissitudes da experiência no mundo digital*”.

Após o evento, os extensionistas consideraram a importância de ampliar um debate sobre as possibilidades e os limites da tecnologia em um mundo digital, além de refletirem os modos subjetivos como as relações sociais acabam sendo afetadas a partir do mundo objetivo. O foco de análise girou especificamente em torno das redes sociais. Para exemplificar, foi escolhida a série *Black Mirror*, tanto pelas temáticas dispostas em cada episódio, quanto pelo sucesso em que ela conquistava nas mais diversas plataformas digitais, alcançando assim todas as faixas etárias, especialmente os jovens.

*Black Mirror* é uma série britânica de ficção científica criada por Charlie Brooker. Lançada em 2011, ela rapidamente teve grande repercussão mundial e atualmente é transmitida pela prestadora de serviço por assinatura *Netflix* (BERTO, 2017). Atualmente, ela conta com 19 episódios divididos em quatro temporadas, que mostram como seria nosso dia a dia num futuro em que estaríamos dominados pela tecnologia.

Cada episódio trata os eventos cotidianos através de lentes que se manifestam no desenrolar de cada trama. Em virtude dos diversos aparatos tecnológicos, o telespectador já não consegue distinguir em qual distância fictícia está tal realidade. Ao mesmo tempo que parece tão distante essa realidade da série, traços aparentemente tão próximos colocam em questionamento se cada episódio fala da representação ou é já a apresentação da prática em suas dicotomias entre o perigo e os benefícios do uso da tecnologia. Por vezes é difícil distinguir se o episódio se pretende futurista ou se simplesmente retrata o momento presente da sociedade tecnológica.

A série debate o uso das tecnologias comunicacionais pela sociedade através da representação de situações que ocorrem em um presente paralelo ou em

um futuro alternativo, mas muito próximo do contemporâneo. O nome traduzido por mim como Espelho da Escuridão - levando em conta a semântica e o conteúdo apresentado pela série – representa o real objetivo da série que, de acordo com o autor se propõe a ser um reflexo real do que pode acontecer com a sociedade caso não exista uma consciência da real dimensão dos benefícios e dos perigos de subordinarmos nossa existência enquanto sociedade ao uso dessas tecnologias conversacionais. (EL PAÍS, 2016 *apud* BERTO, 2017, pag. 03).

Desse modo, o Prismas se realiza como um grupo que atua de forma ativa por intermédio de seus extensionistas e leva para fora dos muros da universidade um olhar crítico sobre assuntos pertinentes. Os diálogos acontecem através da troca de saberes entre a comunidade em geral e a academia que, através das reuniões discutem assuntos atuais que estejam vinculados à mídia tecnológica.

Em 2017, durante a primeira reunião administrativa do grupo, as quais acontecem no início de cada semestre, os extensionistas sugeriram episódios que pudessem ser trabalhados em diferentes contextos. Depois, os episódios passaram pelo critério de votação e só então foi definida a ordem de exibição. No momento da escolha de cada episódio, os extensionistas atentamente observaram quais temáticas poderiam ser trabalhadas. Então, textos foram escolhidos a partir daí, além de uma possível figura de um mediador.

Os mediadores das sessões de vídeo-debate com o público mais amplo foram escolhidos por estudarem a temática ou terem interesse no dado assunto. Para mediar os debates abertos ao público, em sua maioria, foram convidados professores pesquisadores, mestres, doutores e estudantes. O moderador era escolhido entre as 03 últimas semanas de cada mês, quando os extensionistas já haviam decidido qual temática seria trabalhada.

Os encontros semanais seguiam a seguinte ordem: a) reunião administrativa, momento em que os extensionistas decidiam quais episódios seriam trabalhados e sua sequência durante o semestre e qual dia e horário aconteceriam os encontros entre os extensionistas; b) primeiro encontro, uma semana após a reunião administrativa. Neste encontro ocorria a exibição de um episódio da série e a escolha da possível temática a ser trabalhada no encontro seguinte; c) na semana seguinte aconteciam as leituras de textos relacionados ao tema tratado pelo episódio exibido na semana anterior; d) na semana posterior, o grupo pensava nos meios de divulgação e qual o público seria escolhido para participar do debate final do ciclo. Então, eram confeccionados cartazes e colados em pontos estratégicos da cidade, os quais, permitiram grande movimentação

e participação da comunidade acadêmica e demais interessados. As redes sociais também foram usadas como meios de divulgação; e e) encontro aberto ao público para exibição e discussão do episódio trabalhado na extensão durante o mês.

Segue o modelo do cronograma usado ao longo de 2017 pela extensão Prismas.

#### CRONOGRAMA SEMESTRAL PRISMAS 2017.1

<b>TEMPORADA</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>DATA DE EXIBIÇÃO</b>	<b>MEDIADOR</b>
<b>2</b>	Urso Branco (White Bear)	18 de abril	Joseane (Bolsista da extensão)/ Gevania (extensionista voluntária) (Graduandas de Psicologia - UFC)
<b>3</b>	Queda Livre (Nosedive)	16 de maio	Prof: Dr Pablo Severiano Benevides (UFC)
<b>3</b>	Odiados pela Nação (Hated in the nation)	30 de junho	Prof: Dr Rodrigo Mello (UEVA)
<b>2</b>	Volto Já (Be Right Back)	04 de julho	Prof: Ms Henrique Heddel (UFC)

#### CRONOGRAMA SEMESTRAL PRISMAS 2017.2

<b>TEMPORADA</b>	<b>TÍTULO</b>	<b>DATA DE EXIBIÇÃO</b>	<b>MEDIADOR</b>
<b>3</b>	Manda quem pode (Shut up and dance)	27 de setembro	Natacha Júlio (Graduada em Direito/ UVA e graduanda em Psicologia UFC; extensionista voluntária).
<b>1</b>	Hino Nacional (The National)	11 de outubro	Prof: Dr Renan de Andrade

	Anthem)		
3	Engenharia Reversa(Men against fire)	16 de Novembro de 2017	Ms: Psicólogo no CAPS AD: Denilson Paixao
2	Especial de Natal (White Christmas)	07 de Dezembro de 2017	Extensionistas Prismas UFC

Por fim, a proposta do Prismas é questionar por meio desses encontros entre saberes e práticas diferentes assuntos cotidianos relevantes. Para tanto, utiliza-se o intermédio de uma série de grande sucesso entre todos os públicos atualmente. Além de repensar o lugar de sujeito como ativo nas construções sociais.

Dos episódios trabalhados durante os semestres o “Queda livre” acabou ganhando maior repercussão tanto entre os extensionistas, quanto nas duas exibições trabalhadas entre públicos diferentes. Uma das exibições foi aberta para todos os públicos. A média de público registrada neste encontro foi de aproximadamente 50 pessoas, e sua maioria era composta por universitários.

A outra exibição se deu mediante a um convite formal feito aos extensionistas para apresentarem sua proposta dialogal em um encontro fechado para os estudantes de Jornalismo do Centro Universitário INTA. O convite se deu por ocasião da III Semana de Jornalismo desta IES. Dois episódios foram sugeridos: um deles foi “Hino Nacional” e o outro foi “Queda Livre”. A proposta trabalhada foi refletir sobre a facilidade e a rapidez com que as informações circulam nos mais diversos veículos de informação, e qual o papel dos estudantes de um dos cursos mais importantes em fazer circular tais informações na presente sociedade.

### **PARTE 1 – SPOILER DO EPISÓDIO “QUEDA LIVRE”**

Este episódio conta a história de Lacie, que segundo a sinopse da própria série é “uma mulher desesperada para ser notada nas mídias sociais e acha que tirou a sorte

grande em ser convidada para um casamento luxuoso, mas nem tudo sai como planejado” (BLACK MIRROR, 2016, t. 3, ep. 1).

A análise da trama proposta aqui traz consigo o intuito de apresentar para o leitor, por meio do episódio, as minúcias da vida de Lacie (interpretada por Bryce Dallas Howard) antes e depois de receber o convite para o casamento. A partir daí, refletir sobre como as novas tecnologias na sociedade atual tem se mostrado fundantes de um modo de existência pautado na exposição e no consumo.

A história tem início em um mundo onde todos estão conectados por um aplicativo, presente em seus smartphones e na retina. É possível ver, por meio desta plataforma, todas as informações compartilhadas pelo indivíduo, e atribuir a estes uma nota de 0 a 5 estrelas, o que serve para construir a reputação pessoal de cada um. (LIMA, SANTOS & DANTAS, 2017, p. 04)

A citação acima mostra como a vida das personagens era mediada pela tecnologia. De forma instigante, o espectador deve atentar-se aos detalhes que se repetem constantemente e que ajudam a indagar como essa tecnologia monitorava as pessoas daquela sociedade com um toque sutil de controle, que parecia não causar grandes incômodos entre os usuários, mas que tinha suas controvérsias:

Através do monitoramento da rede social via retina e distribuindo simpatia e cinco estrelas para todos, Lacie consegue adequar-se a um mundo de aparências baseado na aceitação e educação exagerada, acessando a todo instante as informações da rede social para conseguir manter diálogos, ser agradável, e assim conseguir melhorar sua avaliação. (LIMA, SANTOS & DANTAS, 2017, p. 04)

Todos se adequavam à rotina de terem suas vidas pessoais expostas. Apesar dessa invasão consentida sobre a prática habitual do outro, há algo que merece ser refletido: os diálogos entre as pessoas eram quase sempre muito mecânicos e com frases curtas que não transpareciam um interesse real pelo que estavam conversando. Além disso, qualquer tentativa de conversação só era possível graças à exposição dos mesmos nessa rede de monitoramento. Tal fato pode contribuir para a extrema dependência do postar para ser visto.

Não havia privilégio de nenhuma personagem, em específico, ter suas vidas e particularidades expostas nas redes. Todos pareciam partilhar das mesmas vantagens e desvantagens. Como o foco será Lacie, o intuito aqui é relatar como a mesma teve seus modos subjetivos completamente moldados pela emissão e exposição de informações pessoais nesse simples aplicativo social.

Por exemplo, Naomi já foi sua suposta melhor amiga na infância. Agora Naomi tinha nas redes sociais um perfil que poderíamos chamar de um exemplo a ser seguido.

Seus laços sociais eram compostos por pessoas modelos que, tal qual ela, pertenciam a um grupo de alto poder aquisitivo. Naomi postava fotos que todos gostavam e ostentava felicidade nas redes sociais. Lacie, por sua vez, possuía um perfil intermediário, pertencendo a um padrão social abaixo do de Naomi. Contudo, existem leis no mercado que fazem com que a mesma anseie subir de patamar e assim usufruir de bens e regalias como os de Naomi.

O episódio também mostra a realidade de quem está em um patamar inferior, que é o caso de Chester, amigo de Lacie. Ambos trabalham no mesmo escritório, mas Chester termina com o namorado e é duramente punido pelos colegas que passam a lhe dar poucas estrelas nas avaliações. Depois disso não pode mais usufruir de bens, não conseguindo sequer entrar no seu local de trabalho depois que sua pontuação diminui bastante.

Chester até tenta recuperar, mas parece que mesmo com todo esforço, tal ação não dependia somente dele. Um colega do escritório a negativa<sup>2</sup> com a justificativa de que se ele cair abaixo de 2.5 na avaliação do aplicativo usados por todos, o mesmo seria totalmente banido do convívio social. Algo característico da rede social que “Queda Livre” mostra é justamente a ideia que o perfil é pessoal, mas o usuário é totalmente submisso ao olhar público.

Lacie parece saber disso e fica até feliz quando esse “público” nota-a no aplicativo. Ao postar uma simples foto de seu lanche e receber alguns “likes”, o que significava aprovação, ela ri, mesmo tendo feito uma expressão de que não gostou do lanche ao prova-lo. Naomi deu apenas 04 estrelas na mesma postagem, o que significava que não achou interessante a ponto de dar nota máxima.

Lacie estava interessada em melhorar de vida, comprar uma casa num condomínio nobre, mas para isso ela precisava ter uma pontuação maior. A personagem mostra-se incomodada com a pontuação dada por Naomi e resolve postar a foto de um boneco (conhecido no episódio como Rabicho), que as duas confeccionaram juntas na infância. Nesse momento, Naomi deu sua pontuação máxima e convidou a suposta melhor amiga para ser dama de honra no seu casamento. Para isso, Lacie tinha que produzir um discurso para ser apresentado no dia da cerimônia para mais de mil

---

<sup>2</sup> Negativar: Verbo transitivo direto e pronominal: Ficar ou fazer ficar negativo, que contém ou exprime recusa, negação.

convidados. Tal discurso deveria conter memórias da infância das duas. A vida de Lacie começou a mudar radicalmente a partir daí, pois para ela, estar casamento e ser bem avaliada pelos convidados seria sua chance ideal para conseguir a pontuação de que ela precisava para ser notada socialmente.

## **PARTE 2 – SOCIEDADE DA EXPOSIÇÃO: COMO OS PROCESSOS SUBJETIVOS SÃO MOLDADOS PELOS APARATOS TECNOLÓGICOS**

Em seu artigo, Sibilia (2012) chama a atenção para as distinções entre o público e o privado, que hora parecem estar em lados diferentes, hora estão do mesmo lado; às vezes são complementares, e em outras, um desses campos deixa de existir enquanto o outro parece se sobressair.

O curioso é que essa exposição aparenta ser específica da nossa época, devido à facilidade que temos através das mídias sociais, mas não é. Sibilia (2012) em seu trabalho já fazia menção a autores como Bajtin (1978) que traziam em suas obras reflexões sobre a mistura entre público e privado já em tempos remotos da sociedade.

Sibilia (2012) faz um estudo histórico em seu artigo e consegue registro de que a separação entre as esferas do público e do privado nem sempre existiu. No mesmo texto ela também cita Richard Sennett (1988) em seu livro “O declínio do homem público: as tiranias da intimidade”, no qual o autor fala dos processos de esvaziamentos e estigmatização da vida pública e da necessidade da criação da “intimidade” obedecendo a interesses e critérios políticos e econômicos específicos do capitalismo industrial de sua época.

Há menção também à Witold Rybczynski (1986) cuja obra gira em torno das primeiras criações de espaços mais subjetivos, como a invenção de casas com suas subdivisões em espaços específicos e repartições mais íntimas, como o quarto, por exemplo. Esse cômodo servia para a realização de atividades pessoais, como a escrita. Diferente da Idade Média, na qual, essa ideia de intimidade não existia.

A separação entre os âmbitos público e privado da existência é uma invenção histórica e datada, uma convenção que em outras culturas inexistente ou é configurada de outras maneiras. É, inclusive, bastante recente: a esfera da privacidade só ganhou consistência na Europa dos séculos XVIII e XIX, quando um certo espaço de “refúgio” para o indivíduo e a família começou a ser criado no mundo burguês, almejando um território a salvo das exigências

e dos perigos do meio público que começava a adquirir um tom cada vez mais ameaçador. (SIBILIA, 2012, p. 02)

Ao fazer essa releitura do passado, é possível perceber a partir de fatos históricos que mais ambientes considerados “íntimos” começaram a se proliferar. As pessoas podiam mergulhar em suas introspecções auto exploratórias e novas leituras e escritas intrapessoais começaram a ser práticas habituais. Foi por volta do final do século XVIII que tais narrativas, como a confecção de cartas tiveram seu apogeu. Foi nesse contexto que Goethe (1774) publicou seu romance “Os sofrimentos do jovem Werther”.

O livro obteve um sucesso imediato e fulminante: a identificação dos leitores (e das leitoras) com os personagens foi tão forte, que não motivou apenas a imitação do estilo em milhares de missivas de enamorados anônimos; além disso, muitos emularam o malfadado protagonista até as últimas consequências: uma onda de suicídios por amores não correspondidos sacudiu a Europa. Todos os corpos, sem exceção, eram encontrados junto à imprescindível e arrebatadora carta derradeira. Não por acaso, diz-se que Goethe ensinou seus contemporâneos a se apaixonar, seguindo a escola do movimento romântico, bem como a sofrer, a viver e a ser. (SIBILIA, 2012, p.03)

Ao comparar as ações vividas hoje pelos os usuários das redes sociais no cotidiano e o que faziam os personagens do episódio “Queda Livre” com o que escreveu Goethe em seu emblemático romance, o questionamento que fica é: Será que não estamos fazendo igual aos leitores do romance citado? Onde está nossa autoria ou só somos meros reprodutores da história, agora com recursos mais modernos?

Outros autores, inclusive Debord (2013), atentam-se a um detalhe importantíssimo. Para ele, não é somente porque as pessoas estão se expondo mais que a esfera do privado parece estar fragmentada. Por meio desses percursos históricos, como já mencionados, é possível analisar outras esferas, principalmente as dominantes, que contribuem diretamente para explicar nossa realidade atual e que parece explicar melhor a submissão dos modos subjetivos pelo sistema predominante. Debord (2013, p. 18) em seu livro “A Sociedade do espetáculo” explica que:

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda a realização humana, uma evidente degradação do ser para o ter. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do ter para o parecer, do qual o “ter” efetivo deve extrair o seu prestígio imediato e sua função última. Ao mesmo tempo, toda a realidade individual tornou-se social, diretamente dependente da força social, moldada por ela. Só lhe é permitido aparecer naquilo que ela não é.

Tal trecho refere-se à “passividade” em que toda vida social foi e é controlada pelo capital econômico/modo de produção da sociedade característico de cada época e definindo o homem. Na primeira fase, o homem era definido pelo que ele possuía. Já na

fase atual, não é preciso necessariamente possuir, mas aparentar possuir algo. Nesse contexto, tudo que deveria ser do âmbito individual tornou-se dependente e moldado socialmente.

Ao retornar ao episódio é possível analisar em suas entrelinhas várias relações entre a esfera pública e a privada. O ponto mais marcante na série parece indagar como são e como serão tais campos envoltos ao nosso presente moderno frente às promessas de um futuro ainda mais tecnológico. Não é de agora que indagações estão sendo feitas sobre os avanços e regressos advindos desse adiantamento evolutivo das capacidades de criação do homem.

Os estudos de Adorno e Horkheimer de 1985 já atentavam para as controvérsias e ambivalências de um mundo tecnológico aliado a essa ideia de avanço. “A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão”. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985 *apud* ZUIN, PUCCI & LASTÓRIA, 2015, p. 97). Tal trecho é um convite a uma reflexão sobre nosso passado histórico e suas lacunas.

Há sempre um *marketing* muito forte sobre essa ideia de “avanço” ser sempre positivo, sobretudo quando se trata de tecnologia, da ânsia pelo novo e o desejo de estar à frente. Há um discurso repetitivo reportado que as fases econômicas, desde a Era Industrial, trariam a tecnologia como estopim de uma mudança que afetaria a rotina de todos, e seu principal objetivo era deixar esse novo homem livre.

Como fio condutor desse avanço, as redes sociais nos mais diversos meios eletrônicos surgem para facilitar esse intercâmbio de informação e como algo específico desse tempo que é a rapidez, as mesmas ganham mais força, pois parecem caber nessa necessidade. Tais meios, através de aplicativos agilizam várias tarefas do dia a dia como fazer compras, pagar boletos e conectar-se com o resto do mundo, tudo isso sem precisar que o usuário se desloque. De onde ele está, o mesmo pode fazer qualquer comando.

O episódio parece dizer claramente que sim, a tecnologia facilita a vida, mas que há um preço por isso. Por exemplo, é por meio de um aparato tecnológico que a corretora consegue mostrar uma prévia de como seria a vida de Lacie em sua nova casa, seu corte de cabelo baseado em suas fotos e até um pretense namorado fundamentado em seus gostos deixados nas redes.

Lacie ainda paga o valor do aluguel à sua corretora pelo celular, sem questionar se o mesmo poderia ser ressarcido. Vale lembrar que ela ainda não tinha nota suficiente para ostentar tal padrão. Em seguida vai ao casamento em uma cidade que a mesma nunca havia ido. Devido ao GPS acoplado no seu carro, Lacie parecia não se preocupar com erros, ou seja, havia certo grau de segurança produzido pela tecnologia capaz de seduzir e deixar usuários reféns.

Os autores mencionados trazem uma visão nem tão positiva sobre a tecnologia e suas facetas, possivelmente porque nem tudo que a tecnologia diz facilitar aconteceu de fato. Nossa época, por exemplo, é caracterizada pelo isolamento, o individualismo, onde mesmo cercados por tantos meios que amplificaram a voz dos homens, muitas vozes ainda são silenciadas. “Queda Livre” trouxe tal aspecto quando mostrou a exclusão social por meio das redes sociais não mais definidos por cor ou etnia, mas por padrão social dado de acordo com avaliações públicas.

Por fim, é quase impossível falarmos sobre os nossos dias sem mencionarmos a tecnologia e as facilidades que a mesma nos trouxe. Contudo, não dá para ficar alheio ao fato de que, apesar de termos progredido tanto em termos técnicos, tal fato não nos fez diminuir a miserabilidade humana, tanto em níveis econômicos, quanto intelectuais.

### **PARTE 3- ESPETÁCULO E APARÊNCIA: COMO O EPISÓDIO TRABALHA TAL ASPECTO SOCIAL?**

O espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem réplica, pelo seu monopólio da aparência. (DEBORD, 2003, p. 17)

A citação acima foi extraída do livro “A Sociedade do espetáculo”, cujo autor fala do deslocamento de tudo em mercadoria, ao passo em que tal transformação fetichizada parece alienar toda a massa ao converter acontecimentos corriqueiros do dia a dia em espetacularização mercadológica.

Debord (2003) menciona o espetáculo como instrumento que une a sociedade através do visível, do olhar iludido e da falsa consciência que acontecem por meio das generalizações de um dado acontecimento tornando o fato oficial, sem questionamento. O episódio “Queda livre” traz esse fato explícito em várias cenas. O presente tópico

trará minúcias acerca da versão final do discurso pré-nupcial, cujas personagens Lacie e Naomi atentavam-se rigorosamente a cada detalhe. O contexto em que o mesmo foi criado era para exemplificar a infância das duas. O episódio traz várias etapas de edição do discurso. Em uma delas, Lacie parece comentar sobre um possível distúrbio alimentar, versão essa contestada por Naomi que achou melhor omitir. Enfim, a narração ficou pronta e antes de ir para o casamento, Lacie a lê para o irmão.

O irmão imediatamente recorda alguns detalhes que não continham no relato lido. Um deles foi sobre um possível corte de cabelo que Naomi fez em Lacie contra sua vontade, outro foi a prática de *bullying* e de um em que Naomi havia transado com o garoto que Lacie gostava. Tais questionamentos do irmão sobre o que de fato aconteceu na infância das duas foram ignorados.

É interessante ressaltar um aspecto que o espetáculo apresenta e que é facilmente identificado nas edições do discurso que é o da aparência, no sentido de que “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (DEBORD, 2013, p.17). Tal citação traduz o que de fato é o monopólio da aparência. Na trama, especificamente, a preocupação das duas não era falar do que elas realmente viveram na infância, como menciona o irmão, sim agradar os presentes e assim conseguir mais *likes*, ou seja, aceitação social.

Não só Debord (2003) atenta-se a esse detalhe da sociedade movida pelo espetáculo. Outros autores também fazem uso dessa indagação como pode ser visto a seguir:

O ingresso, no mundo da “aparência”, daquilo que antes se encontrava recolhido na interioridade ou na privacidade atesta uma subjetividade, um sentido e uma experiência da intimidade que se constituem prioritariamente na exposição ao olhar do outro. Daí o retorno ou a pertinência da questão do espetáculo. Certamente, podemos falar de espetacularização da intimidade, mas não por vermos aí uma forma degradada e menos autêntica da intimidade, mas por esta se constituir numa curiosa proximidade com o espectador. (BRUNO & PEDRO, 2004, p. 03).

É nítido na edição do discurso esse cuidado com o olhar do outro. De um outro que fisicamente não está ali acompanhando as edições, mas que supostamente é idealizado com gostos e vontades. O mundo de aparência faz com que, em algum momento, o que se encontrava escondido, anseie mostrar-se ao outro. “No âmbito superficial da aparência sempre é possível mascarar ou mentir, pois ainda que o eu também encontre aí seu plano de constituição, ele é antes o reino do outro, do qual sempre é possível se diferenciar ou resistir” (BRUNO & PEDRO, 2004, p. 06).

As autoras Bruno e Pedro (2004), no artigo “Entre aparecer e ser: tecnologia, espetáculo e subjetividade contemporânea”, comentam sobre a espetacularização em volta da vida cotidiana em que a pessoa ganha o palco ao expor sua vida através de relatos pessoais por meio de aparatos tecnológicos. Tal espetacularização de eventos simples parece estar interligada ao que é entendido por um cuidado com o que o outro vai achar e isso faz com que o emissor se atente a cada detalhe de seu enredo para que chegue até o receptor na forma de glamourização.

As autoras também citam Foucault e sua ideia sobre uma sociedade panóptica, no sentido de estar o tempo todo sobre o estado de vigilância e que quando esse estado é internalizado, ele automaticamente ganha poder, pois ultrapassa a esfera da vigilância para a autovigilância. Ou seja, o sujeito agora se autocontrola sem sequer saber se há outro ou não lhe vigiando.

O caso do discurso das personagens foi assim. Ambas deixaram de escrever memórias que de fato aconteceram e começaram a mascarar tais acontecimentos para que de fato chegasse aos convidados recortes de uma infância amigável das duas. E mesmo que os convidados nunca fossem saber o que de fato aconteceu na história das duas, havia já uma vigilância ao que deveria ser dito.

Segue a versão final do discurso depois de todas as edições e que deveria ser recebida aos presentes do dia da cerimônia.

*Nesse mundo nós todos estamos focados em nossas próprias cabeças que é fácil perder de vista o que é real. O que importa. Mas, enquanto eu estou aqui hoje vendo a alegria que Paul trouxe para a vida de Naomi. Eu sei que ela é realmente importante para mim.*

*Nay-Nay, a pequena garota que, quando tínhamos apenas 5 anos de idade no acampamento de arte, começou a conversar comigo porque ela viu que eu estava assustada. A garota que me ajudou a fazer o Senhor Rags. Eu ainda o tenho.*

*Ele senta na minha mesa e todo dia, ele me lembra de Nay-Nay. Do que ela significou para mim, naquela época e agora. Eu me sinto tão honrada de estar aqui. E, eu desejo a vocês toda a felicidade que esse mundo estúpido possa dar.*

*Eu amo você, Nay-Nay. (Black Mirror, 2016, t. 3, ep. 1).*

#### PARTE 4 – ESPETÁCULO COTIDIANO: SÓ APARECE O QUE É BOM?

É difícil pensar nas nuances que definem o que seriam “espetáculos cotidianos” e não pensar em qualquer uma das cenas do episódio “Queda Livre”. Cenas que vão desde os acontecimentos mais banais, aos mais glamourizados e podem ser comparados aos velhos diários pessoais, que mesmo em suas versões físicas se podem se distanciar do que realmente aconteceu e são fortalecidos pelo anseio de “aparecer” tornando essa ação mais importante.

As imagens na série eram vistas como recursos lúdicos, hábil ao convencimento. Em uma cena específica, pode ser percebida num encarte que pertencer à *Pelican Cove*, a área mais nobre da cidade, seria sinônimo de felicidade. Tal encarte trazia a figura de uma mulher segurando um bebê com um balão e sorrindo para exemplificar tal metáfora. O irmão de Lacie questiona-a dizendo que tal espaço era um lugar de gente falsa, pois não seria possível as pessoas serem felizes o tempo todo.

Lacie parece não se importar com as críticas do irmão, pois vê naquele lugar a possibilidade de ascensão social e de ter acesso a todas as regalias que ela quisesse. Lacie achava que sim, seria possível ser feliz o tempo todo naquele lugar. A personagem tomava por base o perfil da amiga, Nancie e de tudo que ela ostentava. A literatura trazida por Bruno & Pedro (2004) fala exatamente dessa averiguação em que o sujeito se reconhece por meio das imagens de um dado sistema dominante e vai se reconhecendo cada vez menos na sua história, na sua própria existência e desejos.

As autoras ainda complementam que tal perda vai acarretando ações e gestos tão característicos de um mundo do espetáculo que fazem com que esse sujeito queira se parecer mais com outro e menos com ele mesmo. Lacie chegou a dizer em um trecho do episódio que sentia vergonha de dividir o apartamento com o irmão porque ele não tinha estrelas suficientes para ser reconhecido no patamar que a mesma ansiava estar naquele momento. E o pior, segundo ela, era que ele parecia não se incomodar com tal fato.

Um artigo trazido por Bruno e Pedro (2004) comenta sobre a realidade que surge no espetáculo como um recalçamento da vida real trazida por Debord (2003). Segundo as autoras, parece que há uma repulsa de toda uma existência autêntica por uma falsificação de uma vida social. Nessa situação, como já foi mencionado que esse meio

social que aparece através de imagens na série diz de um modo dominante, é possível sim perceber também uma sutil maquiagem no que era de fato a vida de Lacie e o que ela postava para impressionar o outro invisível, mas dotado de visibilidade.

Ao destacar dois tipos de espetáculos, as autoras os denominam de panóptico e midiático como duas formas de visibilidade: sujeito vai postando sua vida nesses aparatos, mas antes pensa em uma possível aprovação ou não de um público. Ou seja, há uma constante vigilância e uma satisfação em saber que o outro gostou do que foi exposto. Isso se dá por meio da opção curtir, característica das redes sociais.

Se nos espetáculos panóptico e midiático o que ganha visibilidade o faz a partir da evidência e da constituição prévia do olhar público e coletivo, o espetáculo contemporâneo, materializado, por exemplo, nas práticas de exposição de si na Internet, precisa constituir o olhar do outro e garanti-lo para si. Assim, o olhar do outro – que costumávamos conceber quase que “naturalmente” como sendo da ordem do público – privatiza-se na visibilidade requerida pelas webcams e pelos weblogs, tornando-se “responsabilidade” do próprio indivíduo. (BRUNO & PEDRO, 2004, p.13).

No episódio “Queda livre” os dois aparecem não apenas como principal preocupação de Lacie. Pode ser percebido pela necessidade criada por meio de fotos ou até vídeos sobre eventos cotidianos, mas que transparece a exposição de si para o outro. Todos os usuários da mesma rede de interatividade pareciam necessitar desse tipo de exposição. Afinal, quanto mais interação mais lucro para o mercado. “O eu-imagem deve ser reativo ao olhar do outro, deve mesmo ser o efeito produzido na interface com o olhar do outro, pois é nesta interface que ele ganha ‘realidade’ ou esmaece, caso não encontre o olhar que o ‘realiza’” (BRUNO & PEDRO, 2004, p.14).

Como dito anteriormente, o mercado cria uma dinâmica em que é preciso interação, e dessa interação tem-se mais exposição dos usuários. Tal fato pode ser reforçado pela fantasia de que as pessoas que estão no patamar 4.5 de visibilidade expõem-se mais. Contudo, tal fato pode ser repensado quando Lacie tem seu perfil analisado e assim percebe quais esferas poderiam ou não elevar seu índice no *ranking* mais rapidamente. Ou seja, mesmo que qualquer pessoa curtisse suas postagens haviam diferenças entre as pessoas com 4 estrelas ou mais. Tais aprovações pareciam ter peso maior do que as pessoas com pontuação inferior, o que não significava dizer que essas pessoas postam menos.

Em virtudes dos fatos mencionados, vale refletir o potencial do episódio de trazer a tona um assunto tão pertinente que são as novas formas de subjetividades sendo moldadas pela exposição do eu por meio de imagens bonitas em uma tela e a

fragmentação das experiências. À medida que o mercado escolhe um modelo específico de vivência caracterizado por um modelo dominante, em paralelo ele exclui qualquer outro tipo de vivência. Bruno e Pedro (2004, p 06) corroboram com essa ideia ao afirmarem que

À mídia caberia a falsificação do mundo e a substituição das vivências diretas do sujeito por experiências *fake* – representações substitutivas do real – que constroem a subjetividade à esfera do consumo passivo de imagens. Num mundo que se apresenta sob a forma de imagem espetacular, a vida real é experimentada como pobre e fragmentária, movendo os indivíduos a contemplar e a consumir passivamente tudo o que lhes falta em sua existência real.

Cabe o questionamento entre o real e o falso exposto nas redes sociais e a realidade trazida pelo episódio analisado. Mesmo que seja tênue essa linha, no episódio é possível notar certa sutileza em substituir o palpável pelo aparente. Isso se dá seja por meio das edições do discurso de Lacie, seja na edição de uma foto ou vídeo o que estamos mostrando ao nosso público.

## **PARTE 5 – MERCANTILIZAÇÃO DAS RELAÇÕES: COMO O MERCADO CONSEGUE LUCRAR COM A VISIBILIDADE E A INSEGURANÇA**

Em Nosedive, todas as conversas e demais interações pessoais, tradicionalmente inseridas em uma economia invisível de trocas simbólicas, ganham materialidade em um sistema de avaliações instantâneas por celular, que são computadas para gerar notas para cada indivíduo. Como mencionado, as notas afetam não apenas as relações sociais, mas também as possibilidades de acesso a trabalho e a serviços básicos. (BEZERRA, 2011, p. 6).

A presente análise sobre como se dava a interação das pessoas no episódio, principalmente o desfecho da vida da personagem principal, é assustadora e ao mesmo tempo parece tão real ao passo que a mesma só traduz o que muitos autores falam sobre a espetacularização dos eventos mais banais e o desejo de encaixe a um patamar de visibilidade econômica.

No episódio, Lacie, ansiava pertencer ao patamar 5 estrelas, ou seja, ser influente socialmente, mesmo que tal patamar fosse totalmente alheio a sua rotina, seu grupo de amigos, sua vida social. A maneira como a mesma toma para si é tão forte e como o mercado parecia ter todas as receitas para que a cliente realizasse seus desejos chega a ser assustador. Seja pela corretora que pretendia vender-lhe a casa em *Pelican Cove*, seja pelo especialista em avaliar perfis sociais e aumentar a visibilidade dos usuários nas redes.

É perceptível que, no episódio, quanto maior é a pontuação/popularidade maior também é a credibilidade frente em um mercado que usa dessa pontuação como moeda de troca para uma promoção mercadológica. O mercado cria o *slogan* de que quanto mais popular, maiores os benefícios, seja para comprar bens, conseguir emprego e assim por diante.

Na nossa Era não é mais necessário sair da frente de uma tela para produzir. É até comum ouvir dados discursos falando sobre a alienação que transforma lazer em trabalho e escraviza o tempo livre. Segundo os autores Zuin, Pucci & Lastória (2017), Marx ao falar dos acontecimentos característicos de seu tempo, reflete como em dados período históricos o homem cria as máquinas, mas o mesmo é escravizado por elas. Para Adorno (*apud* ZUIN, PUCCI & LASTÓRIA, 2017, p. 99) os homens eram

apêndices da maquinaria, e não mais apenas literalmente os trabalhadores têm que se confrontar com as características das máquinas a que servem, mas além deles, muito mais, metaforicamente: obrigados até mesmo em suas mais íntimas emoções a se submeterem ao mecanismo social como portadores de papéis, tendo que se modelar sem reservas de acordo com ele. Hoje, como antes, produz-se visando lucro.

É interessante essa ótica. A mesma poderia ser considerada até futurista, se comparada aos nossos dias, mas apenas reflete como o ser humano incorpora os modos operacionais e a instrumentalização mercadológica de cada época e tornam-se simples apêndices de suas criações.

Bruno & Pedro (2004) também recorrem à obra de Debord (2003) ao falar da sociedade do espetáculo e o poder que a mesma tem de transformar qualquer coisa em mercadoria fetichizada. No episódio é perceptível todo o transformar subjetivo da personagem na sua saga para pertencer à esfera dominante.

O mercado usa as curtidas dos seguidores como moedas de troca e privatiza o “tempo livre” dos usuários, ao mesmo tempo dita que todos devem se expor cada vez mais e cobiçar cada vez mais o “ser visto”.

Sibilia (2012) faz uma comparação entre o que aparece, o que salta de uma tela e o que realmente acontece. Assim, a vida comum se transforma em espetáculo por meio das banalidades cotidianas tanto pessoais como as do outro, as quais se misturam constantemente. Abre-se aí uma lacuna entre o que é pessoal e o que é preciso mostrar para poder pertencer a um grupo. Fragmentado, esse grupo segue o modelo que o mercado deseja, pois há mercado para a insegurança.

## CONCLUSÃO

O título do presente artigo faz menção a temática do episódio trabalhado com a tecnologia, além de refletir seu uso em uma sociedade mediada pelos recursos tecnológicos. O foco foi contextualizar tais pontos junto a um arcabouço teórico sobre, como esses avanços afetam diretamente as relações humanas, ao passo que pregam o encurtamento das barreiras geográficas entre pares.

O episódio analisado traz o uso de tecnologia mais avançada, onde as pessoas estavam o tempo todo conectadas e compartilhando suas vidas. Contudo, autores citados no corpo do artigo contam que tal carência pela exposição não é característica apenas dos tempos atuais, que os antigos povos gregos também tinham esse hábito. Além do que, as linhas tênues entre público e o privado já sofreram mudanças em seus tempos históricos e que as esferas dominantes é quem as definem.

Uma das definições geral da série *Black Mirror*, é que a mesma mostra uma realidade futura, mas que estranhamente podem ser percebidos seus aspectos mais peculiares hoje. Seria uma amostra do futuro ou uma denúncia do presente?

A extensão Prisma, sob o aporte teórico da Teoria Crítica questionam aparente disparidade entre desenvolvimento tecnológico e das consciências. O intuito não é trazer os malefícios da tecnologia e sim questionar a quem a mesma diz servir, além do repensar as relações dos usuários em Redes.

A principal justificativa do porquê do episódio analisado, é que o mesmo parece induzir de forma sutil uma reflexão sobre as “facilidades” comunicativas que os recursos tecnológicos geram e faz com que nossa sociedade consiga o presente rótulo “Era da comunicação”, ao mesmo tempo *Black Mirror* pode ser utilizado para questionar se tal rótulo é válido para todos. Estamos tão “evoluídos” como nossas máquinas?

Por fim, o intuito aqui além de refletir modos como o nível de consciência e falsa consciência acompanha o grau de desenvolvimento técnico da sociedade, é considerar os modos de pensamento são mediados pela mesma lógica que sustenta os aparatos, os aplicativos, os algoritmos etc. e seus impactos subjetivos.

## REFEFÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.
- BERTO, M. A sociedade e seu reflexo. Uma análise do seriado Black Mirror à luz do pensamento McLuhaniano. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação **40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Curitiba - PR – 04 a 09/09/2017.
- BEZERRA, A. C. **Os reflexos do grande irmão no admirável espelho novo de Black Mirror**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <https://itsrio.org/wp-content/uploads/2017/03/ArthurBezerra-B.pdf> . Acesso em: 21/05/2018.
- BRUNO, F. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. **Anais da XIII Compós**, São Paulo: 2004.
- BRUNO, F.; PEDRO, R. Entre aparecer e ser: tecnologia, espetáculo e subjetividade contemporânea. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2 n. , 2004. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/intexto/artile/view/4080/4454>>. Acesso em:
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- DICIO. **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/negativar/>>. Acesso em 01/06/2018>. Acesso em:
- JIMÉNES, M. **‘Black Mirror’: todos os episódios organizados do pior para o melhor** El País. Disponível em <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/11/cultura/1515697182\\_485240.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/11/cultura/1515697182_485240.html)>. Acesso em 10 de março de 2018.
- MADEIRA, S. V.; SILVA, A. K. B; CYSNE, A. R. J. Reflexos da sociedade contemporânea: uma análise do episódio Nosedive da série Black Mirror. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. Fortaleza, 2017.
- MESQUITA, F. Álbuns fotográficos na internet: Apropriações das redes sociais e reconfigurações da memória pessoal. **VIII Encontro Nacional de da Mídia Unicentro**. Guarapuava, 2011.
- NEGRINI, M.; AUGUSTI, A. **O legado de Guy Debord**: reflexões sobre o espetáculo a partir de sua obra. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2013.
- PEREIRA, D. B. S. **O uso do Instagram patrocinado de marcas como veículo de publicidade**. Prova de Bacharel, Centro de Ensino Universitário de Brasília – UNICEUB, 2014. Disponível

em:<<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/5442/1/21118706.pdf>> Acesso em 09 marco. 2018.

SIBILIA, P. **O Show do Eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, P. O Universo doméstico na era da extimidade: Nas artes, nas mídias e na internet. **Revista Ecos Pós**, v. 18, n. 1, p. 133-147, 2015. Disponível em: <[https://revistas.ufrj.br/index.php/eco\\_pos/article/view/2025/2032](https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/2025/2032)>. Acesso em 10 de marco de 2018.

SIBILIA, P. Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica. **Compós**. 2003. Disponível em:<[https://ecomig2015.files.wordpress.com/2015/07/02\\_diarios\\_intimos\\_na\\_internet\\_sibilia.pdf](https://ecomig2015.files.wordpress.com/2015/07/02_diarios_intimos_na_internet_sibilia.pdf)> Acesso em 10 de marco de 2018.

ZUIN, A.; PUCCI, B.; LASTÖRIA, N. L. **10 Lições sobre Adorno**. Petrolis,RJ: Editora Vozes, 2017.

**REFERÊNCIA AUDIOVISUAL**: Nosedive. Direção: Joe Wright. Roteiro: Charlie Brooker, Michael Schur & Rashida Jones In: **Black Mirror: the complete second series**. Netflix, 2016